

QUANDO O PODER SECO É QUE VALE: LITERATURA E HISTÓRIA EM HOBSBAWM E EM GUIMARÃES ROSA

Everton Farias Teixeira*

RESUMO: Baseado em um estudo comparativo do romance de João Guimarães Rosa, *Grande sertão: veredas* (1956) e da produção teórica do historiador Eric Hobsbawm, este exame pretende demonstrar como a história ocidental infiltra-se na particular inscrita nas páginas desse autor brasileiro. Desta forma, percebe-se na produção de Rosa uma leitura que relaciona a literatura e a história inscrevendo discretamente algumas passagens do Século XX em seu remoto sertão. Como este espaço surge nas páginas rosianas como uma metonímia de todos os lugares e não como uma espécie de saudosismo sertanejo deste ficcionista, exemplos dessa ressonância da história ocidental abundam em *Grande sertão: veredas* como os grandes fenômenos apontados por Hobsbawm vivenciados no século passado: a emancipação feminina e a crítica aos modelos liberais originando os grupos de celerados indômitos e as práticas de barbárie, ambos de extrema relevância tanto para a obra rosiana, quanto para parte do trabalho deste intelectual britânico.

PALAVRAS-CHAVE: Eric Hobsbawm; Guimarães Rosa; História; Literatura; Século XX.

Quem pode dizer “o meu tempo” divide o tempo, escreve neste uma cesura e uma descontinuidade, e; no entanto, exatamente através dessa cesura, dessa interpolação do presente na homogeneidade inerte do tempo linear, o contemporâneo coloca em ação uma relação especial entre os tempos. (AGAMBEN, 2009, p. 71.)

O sertão, na obra de Guimarães Rosa, é um microcosmo que condensa toda a tragédia da vida humana, porque nele se encarnam e medram todos os malefícios de Satã [...]
Violência e sangue, crime e barbárie que dissolvem os mais elementares elos da vida moral — eis aí a essência do sertão. (SILVA, , 1969, p. 68.)

* Mestre em Letras pela Universidade Federal do Pará (Ufpa). Doutorando em Letras pela Ufpa. Professor Assistente da Ufpa.

Introdução

Apesar de na atualidade os estudos históricos conceberem uma vertente que se debruça ao exame do *tempo presente* no intuito de compreender o contemporâneo, historiadores renomados nascidos em meados do século XX (assim como estes pesquisadores e seus prováveis leitores), fizeram questão de deixar registradas as dificuldades de se voltar à análise de sua própria época ainda que a realizassem com maestria e engenho. A descrição deste obstáculo — de que quaisquer tentativas de examinar a contemporaneidade constituir-se-ão numa observação demasiadamente precária, pois o estudioso não possui o distanciamento significativo destes acontecimentos, fator necessário para a crítica de suas complexidades, — aparece nas notas prefatórias de livros em cujos títulos ou subtítulos sobressaem o pessimismo e a melancolia diante daquele período que consagrou regimes totalitários ao redor do globo. Dentre estas obras, a nosso ver, destacam-se *Reflexões sobre um século esquecido* (2008), de Tony Judt (1948-2010) e o incontornável *Era dos extremos* (1994), de Eric Hobsbawm (1917-2012) em que este historiador britânico afirma entre ganhos e perdas, seu capital de “opiniões e preconceitos sobre a época” (HOBBSAWM, 1995, p. 7).

Este é um dos motivos pelos quais, enquanto historiador, evitei trabalhar sobre a era posterior a 1914 durante quase toda a minha carreira, embora não me abstivesse de escrever sobre ela em outras condições. [...] Acho que já é possível ver o Breve Século XX [...] dentro de uma certa perspectiva histórica, mas chego a ele desconhecendo a literatura acadêmica, para não dizer que desconheço todas as fontes primárias acumuladas pelo grande número de historiadores do século XX.

Claro, **na prática é completamente impossível uma só pessoa conhecer a historiografia do presente século** [...] como, por exemplo, o historiador da Antiguidade clássica ou do império bizantino conhece tudo o que foi escrito sobre esses longos períodos, na época e depois. Mesmo pelos padrões de erudição histórica, contudo, meu conhecimento no campo da história contemporânea é precário e irregular ¹ (HOBBSAWM, 1995, p. 7 [grifo nos

¹ Cinco anos após a publicação de *Era dos extremos*, em uma entrevista ao jornalista italiano Antonio Polito, Eric Hobsbawm voltaria a este problema, reconsiderando inclusive as escolhas metodológicas e as conveniências

so]).

Paradoxalmente, no entanto, foi este tempo nebuloso e de difícil compreensão que forjou alguns de seus melhores intérpretes em meio às experiências pessoais de horror e de temor. Nomes como os de Hobsbawm, Judt, George Steiner, João Guimarães Rosa (1908-1967) entre outros se souberam fazer personagens e observadores históricos argutos de nossa Era de catástrofes e de desordens graças à erudição de suas obras. O primeiro — numa leitura econômico-social da História, de forte referência marxista — compõe um triste painel da contemporaneidade, no qual a diplomacia e o altruísmo, ambos os valores originados durante o decurso de todo o “longo século XIX”, chegaram ao seu declínio com a expansão do morticínio e da intolerância aos mais distantes territórios campesinos do planeta. Como bem definiu Hobsbawm:

O século XX foi o mais mortífero de toda a história documentada. [...] Se considerarmos 1914 como seu início real, foi um século de guerras praticamente ininterruptas, com poucos e breves períodos em que não houve conflitos armados organizados em algum lugar. [...] O período entre 1914 e 1945 pode ser visto como uma única “Guerra dos Trinta Anos”, interrompida apenas por uma pausa na década de 1920. [...] O mundo como um todo não teve paz desde 1914 [...] (HOBSBAWM, 2007, p. 21-2).

Neste lúgubre espetáculo em que se caracterizou o século passado, coube à Europa o papel de principal tablado para a grande maioria das atrocidades cometidas contra os valores da humanidade, todavia a maldade já havia se espreado para territórios considerados economicamente periféricos, espaços onde os movimentos e as grandes catástrofes sociais, como as ocasionadas pelo período quase ininterrupto de quase três décadas de guerra, auxiliaram a construção de um exército de indivíduos excluídos de suas socieda-

históricas adotadas em sua definição de 1994, do século XX como um “século breve”, compreendido como um período social entre a eclosão da Primeira Guerra e o desmoronamento da URSS. Durante este diálogo — proferido em um italiano fluente —, o historiador ainda se mostrava convicto da eficácia da teoria dos ciclos longos de Kondratiev (1892-1938), mas disposto a rever previsões e tendências que prolongariam a sobrevida de sua concepção acerca do século passado, como, por exemplo, a “rápida expansão global da economia capitalista”. (Cf. HOBSBAWM, 2000, p. 9-11)

des, estes — em alguns casos — vieram a formar um contingente de “rebeldes primitivos” que em sua resposta, justiceira, violenta e vingativa, passou a desafiar as ordens políticas e socioeconômicas destes rincões, os quais estes homens encontram-se historicamente à margem. São camponeses que, nas palavras de Eric Hobsbawm,

viveram, em geral, em sociedades nas quais veem a si próprios como um grupo coletivo separado e inferior ao grupo dos ricos e poderosos, embora seja frequente que, individualmente, seus membros dependam de um ou outro deles. O ressentimento está implícito nessa relação. (HOBSBAWM, 2010, p. 22.)

Guimarães Rosa, por sua vez, em *Grande sertão: veredas* (1956) construiu personagens sobreviventes desta brutalidade e dos desmandos advindos, de um modelo muito peculiar de “banditismo social”, o jaguncismo que instaurou na Região Nordeste do país um acontecimento específico na passagem do século XIX para o XX, a eclosão dos primeiros Estados-paralelos de origem rural, dominados por controversos grupos sociais dos bandoleiros armados, os quais em sua “liberdade de movimentos” (HOBSBAWM, 2010, p. 16), segundo Hobsbawm,

[d]eixavam de ser vistos como simples bandidos e passavam a ser considerados bandidos “especiais” ou sociais. Por isso gozavam de proteção [...] à custa dos aldeões. [...] À parte essa situação especial, o banditismo, como fenômeno social na [...] sua história, está relacionado à classe, à riqueza e ao poder nas sociedades camponesas. (HOBSBAWM, 2010, p. 17 e 23.)

No muro de fronteira que aparta a História da Literatura brotam, como se pode denotar, fissuras geradoras de aproximações entre a produção ficcional e a narrativa histórica, como se dá com *Bandidos* e *Grande sertão: veredas*, obras separadas por pouco mais de uma década, mas ligadas por sua pujança compreensiva do movimento do banditismo no século XX e, por que não afirmar, da trajetória humana em meio às desintegrações dos velhos valores e das relações sociais como profetizou Karl Marx (1818-1883). Utilizando-se destas brechas neste denso romance, Guimarães Rosa aproxima-se dos métodos da pesquisa histórica, focando a sua escrita naqueles grandes personagens do século XX,

“as pessoas comuns” como afirmou o convicto marxista Hobsbawm, ao tratar destes indivíduos que, em sua eterna mobilização, muda[ra]m consideravelmente o cenário deste breve século ao assumirem, inclusive papéis relevantes dentro da “administração da coisa pública”. (HOBSBAWM, 2000, p. 46.)

Os leitores especializados perceberam na escrita de Guimarães Rosa uma mudança na direção do regionalismo literário — outrora uma tendência exausta e pouco produtiva —, agora portadora de sangue novo e de uma capacidade de inscrever na terra e no homem brasileiros as nuances de dramas vivenciados pelos indivíduos dos quatro cantos do mundo e representados nas páginas de Dostoiévski (1821-1881), de Proust (1871-1922), de Thomas Mann (1875-1955), entre outros. Assim, o sertão rosiano atravessa vigorosamente o território agreste geograficamente demarcado, alastrando-se por uma “universalização” de uma topografia comum a todo o Ocidente, fazendo de *Grande sertão: veredas* uma metonímia de todo espaço marcado com o ferrete da violência social, esta capaz de, se tornada costume, produzir uma espécie de pacto entre homens e forças infernais, senhoras da barbárie.

1.

Deus com certeza não é uma invariável a considerar na medida das coisas, mas o Demônio tem uma presença tão viva na vida dos homens, ele pensa, escondendo-se na abstração. (TEZZA, 2007, p. 164)

Uma relação inversamente proporcional é a que se estabelece entre o historiador e o povo diante da materialidade de um fato. Enquanto para o primeiro, o distanciamento temporal apura o olhar deste para um acontecimento, o que o leva inevitavelmente a uma observação panorâmica e plena de determinada época e de seu ofício, o segundo é levado a operar um processo de enfraquecimento da substância factual, a qual é transformada, muitas das vezes, em imagem mítica. É desta maneira, aliás, que a figura do bandido fixa-se na memória das grandes massas camponesas e nas páginas literárias, não como um ladrão comum, mas como um indivíduo ambíguo — o qual, por um lado, é mau, maculado pela nódoa da marginalização social ao tornar-se um proscrito do Estado por defender os

valores e os costumes cristalizados no *ethos* cultural da comunidade onde reside, por outro, é nobre em seus atos outrora vis, elevado a símbolo de restaurador da honra e da justiça dos historicamente oprimidos.

Coincidentemente, na mesma década da publicação de *Grande sertão: veredas*, Eric Hobsbawm volta seu interesse pelas origens e construção das tradições revolucionárias populares para a biografia desta personagem campesina a qual tornaria o historiador do Birkbeck College fundador de um ramo novo dos estudos históricos, “O banditismo social”. Não obstante, *Rebeldes primitivos* (1959) — apesar de sua valiosa contribuição para o exame deste fenômeno de esfacelamento do poder do Estado — ainda era uma obra limitada, mas que continha em seu segundo capítulo o “ponto de partida dos estudos contemporâneos sobre a história do banditismo, uma área em rápido crescimento” (HOBBSBAWM, 2010, p. 9).

Como ficou confirmado, o autor de *Tempos interessantes* precisou de mais um decênio para revelar o seu retrato de corpo inteiro deste banido da sociedade, instantâneo que mostra as duas imagens públicas que espelham este paradigma de fora da lei, a real e a mítica do “bandido bom”, tomada de empréstimo do lendário Hobin Hood, transformado em arquétipo da ideologia popular, aquilo que — de acordo com as palavras de Hobsbawm em *Bandidos* (1969, p. 67) — “todos os bandidos camponeses deviam ser”.

Enquanto o autor de *Como mudar o mundo* desenvolvia este trabalho, o toque de Midas rosiano estabelecia no temário regional uma nova concepção do espaço sertanejo, este agora distante das descrições meramente exóticas, mágicas ou documentais, lidas em obras ficcionais da década de 1940. O sertão não aparece mais limitado às fronteiras geográficas do Nordeste brasileiro e de suas mazelas sociais, mas estende-se às incursões nos conflitos e dramas universais, em outras palavras, o Sertão não é mais Sertão, é — como revela Riobaldo Tatarana — o mundo. E é no interior deste espaço que as experiências globais se misturam, assim como também se amalgamam as estruturas e os aspectos os quais constituem a tipologia do banditismo social proposto por Hobsbawm. Como a ambiguidade se faz a marca do romance, como já havia anunciado Walnice Nogueira Galvão

em seu *As formas do falso* (1972), o jagunço rosiano tanto se assemelha ao paladino hobnoodiano, quanto ao mais espúrio criminoso.

Riobaldo, o protagonista de *Grande sertão: veredas*, é um homem comum, velho barbaqueiro que por meio de um modelo socrático de narração se lança num gosto particular de “especular ideia” (ROSA, 1956, p. 11)² através de um diálogo com seu sempre oculto interlocutor a quem dirige humildemente seus questionamentos sem nunca esperar deste respostas, mas sim a sua cumplicidade aos argumentos que disserta sobre os grandes temas que envolvem a trajetória humana tanto no ambiente telúrico quanto no plano metafísico. Ao narrar o processo de permanente mudança por que passou na vida, o herói de *Grande sertão: veredas* mantém viva a memória histórica do Ocidente filtrando-a e transpondo-a dentro de seu cenário sertanejo muito peculiar, pois se “o sertão é do tamanho do mundo” (ROSA, 1956, p. 74.) como professa, as contrariedades do globo ressoam dentro do *hinterland* brasileiro e nas páginas da prosa do autor de *Primeiras histórias* (1962) numa clara demonstração de que a ausência de urbanidade, em Rosa, não se constitui em uma espécie de saudosismo campestre, tão em voga na literatura regionalista brasileira até meados da década de 1940, cuja representação bucólica servia, entre outras coisas, como evasão dos assuntos que perturbavam o restante do mundo em meados do século XX.

De acordo com uma publicação recente do ensaísta Eduardo F. Coutinho — intitulada *Grande Sertão: Veredas. Travessas* (2013) — Guimarães Rosa soube sintetizar em sua obra o misticismo típico de sua origem sertaneja com a instrução humanística ocidental, perfazendo, assim, o caminho entre a cultura oral e a herança intelectual do Hemisfério, promovendo um genuíno depoimento histórico de circularidade cultural (para lembrar outro grande nome dos estudos históricos, Carlo Ginzburg), destaca o crítico que Rosa,

[h]omem do sertão brasileiro, região profundamente marcada pelo

² Como é comum entre os estudiosos de Guimarães Rosa, nesta e em todas as citações posteriores da obra foram mantidas a grafia original presente no texto da primeira edição.

mistério e o desconhecido, mas ao mesmo tempo dotado de enorme erudição, proveniente de sua formação e vivência no seio da tradição ocidental, Guimarães Rosa rompe com a hierarquia frequentemente estabelecida entre o *logos* e o *mythos*. (COUTINHO, 2013, p. 29)

São nestes espaços de ninguém — regiões miseráveis onde perdurou, e talvez ainda perdure, a ilusão de nossa modernização já tardia no seu nascimento (décênio de 1950) e que, por fim, nunca chegou³ — que os movimentos desumanos e aniquiladores operam em toda a sua força. Seus afetados são indiscutivelmente os mais necessitados residentes dessas zonas à margem do capitalismo sul-americano, grandes reféns do poder paralelo personificado pelos coronéis, fazendeiros e suas milícias armadas, compostas por ferozes jagunços. É este o cenário propício no qual, na reflexão de Hobsbawm,

[A] crueldade implícita nas relações entre aqueles que se supõem “naturalmente” superiores e seus inferiores supostamente “naturais” apenas acelerou a barbarização latente em todo confronto entre Deus e o Diabo. Nessas escaramuças apocalípticas apenas um resultado é possível: vitória total ou derrota total. Não se pode conceber nada pior que o triunfo do Diabo. [...] Em semelhante luta, o fim necessariamente justificava *quaisquer* meios. **Se a única maneira de derrotar o Diabo era por meios diabólicos, era isso que tínhamos que fazer.** (HOBSBAWM, 2013, p. 354. [grifo nosso])

Tratando da figura do demônio, curiosamente em *Bandidos* o historiador britânico, ao tentar mapear os grupos responsáveis por compor os celerados — toca um tema há muito presente nas páginas da literatura ocidental, a configuração do pacto demoníaco

³ Há dois momentos em *Grande sertão: veredas* que considero representativos dessa utopia de modernidade advinda com o progresso e do abandono governamental que empurram o sertanejo para uma existência de dificuldades. Cito-os:

“Daí, o senhor veja: tanto trabalho, ainda, por causa de uns metros de água mansinha, só por falta duma ponte. Ao que, mais, no carro-de-bois, levam muitos dias. para vencer o que em horas o senhor em seu jipe resolve. Até hoje é assim, por bórco.” (GSV, 1956, p. 102.)

“Seo Assis Wababa oxente se prazia, aquela noite, com o que o Vupes noticiava: que em breves tempos os trilhos do trem-de-ferro se armavam de chegar até lá, o Currallinho então se destinava ser lugar comercial de todo valor.” (GSV, 1956, p. 124-125.)

como instrumento não só de força, mas como índice de inconformismo diante dos diversos senhores da opressão, como a Igreja que é — nas palavras de José Saramago (1922-2010), outro conhecido marxista, — “tão cúmplice como beneficiária do poder do Estado e dos terra-tenentes latifundistas” (SARAMAGO, 2013, p. 77). Este *topos* aparece nos últimos instantes de “Quem são os bandidos?”, terceiro capítulo da obra de Hobsbawm, no qual o autor de *Tempos fraturados* (2013) afirma serem os bandidos camponeses “inconformistas, ou, antes anticonformistas, por práticas e ideologia; tomam o lado do diabo, e não de Deus; se são religiosos favorecem a heresia, em oposição a ortodoxia.” (HOBBSBAWM, 2010, p. 63).

Herança tão antiga quanto o regionalismo, o tema demoníaco revela suas raízes nos bestiários medievais e atravessa séculos até o seu apogeu, vivido, sobretudo, nas estéticas rebeldes do romantismo e do realismo europeu. Tornando *topos* recorrente na literatura deste período conturbado ideologicamente que foi a passagem do século XVIII para o XIX e dogma mais comumente seguido por ladrões europeus até recentemente, a figura do Diabo representado oniricamente ou não, ganha o *status* de protagonista-mor de algumas produções em prosa e em verso nas quais se eleva ao patamar de maior insurreto da História, sendo aclamado como primeiro grande romântico, em outras palavras, o indivíduo inconformado que declara guerra às forças mais poderosas, tornando-se um deslocado social. Este personagem será trazido à tona uma vez mais pela literatura contemporânea, todavia emergindo das páginas dos escritores numa simbologia deveras diferente.

Em *Grande sertão: veredas*, por exemplo, Guimarães Rosa sela o pacto feito por seu herói Riobaldo com Satã como uma alegoria de um consórcio necessário, pois sendo jagunço, o indivíduo faz-se próximo do Mal, tornando-se um pouco pactário também já que “quem de si de ser jagunço se entrete, já é por alguma competência entrante do demônio” (ROSA, 1956, p. 11). Pensando na metáfora desta personagem de que “jagunço é o sertão” (ROSA, 1956, p. 307) e este espaço metaforiza todo o território brasileiro (e quiçá, o globo), lembramos das palavras do ensaísta lusitano Óscar Lopes

(1917-2013) que, ao se debruçar sobre o romance do autor de *Sagarana*, responde satisfatoriamente a questão do pacto demoníaco, tanto para a esfera histórica, quanto para a recepção crítica rosiana, ao afirmar ser

o pacto com o Diabo é concretamente inevitável, quer na vida individual, quer na política. O *Leit-Motiv* do romance pode com efeito formular-se abstractamente [*sic*] como segue: nós estamos todos sujeitos a um pacto diabólico, somos todos *pactários*, o drama do Fausto é inerente a todas as situações historicamente conhecidas dos homens. Somos uns doidos, um turbilhão de doidos em lutas de bandos, e o *Diabo na rua, no meio do redemoinho*, o Diabo que de resto não existe e todavia nos arma, porque ele afinal não passa da alienação, historicamente necessária, do homem ao homem. (LOPES, 1970, p. 320 [grifo nosso].)

Refletindo sobre a presença do demoníaco na produção literária de Guimarães Rosa, é que um leitor rosiano como Roberto Schwarz constrói a sua análise da *universalização* dos temas tratados pelo autor de *Grande sertão: veredas* confrontando este romance com o *Dr. Faustus* (1947) de Thomas Mann, em que o personagem Adrian Leverkühn (1885-1941) tem a sua existência rememorada pelo amigo Serenus Zeitblom, filósofo se-guagenário que se autodenomina aprendiz do primeiro.

Não é necessário perscrutar muito para se observar a maior semelhança entre os romances, uma vez que “nos dois casos trata-se de dramas fáusticos. O jagunço Riobaldo e o compositor Adrian Leverkühn têm, cada qual a seu modo, uma tarefa a cumprir, tarefa que está para além de sua capacidade” (SCHWARZ, 1981, p. 43). Seja a jornada pelo Liso do Sussuarão em busca dos Judas, Hermógenes e Ricardão, no *hinterland* baiano, seja o desejo de compor uma grande obra musical em um período melancólico da cultura alemã, (o período da Segunda Guerra Mundial) o pacto com a entidade maldita se faz inevitável para os protagonistas que surgem menos reféns de suas obrigações do que da crueldade imposta pelas relações sociais da primeira metade do século XX.

Diferentemente do que ocorre no romance de Thomas Mann — assim como nos pactos estabelecidos pelos personagens das criações de Goethe (1749-1832), nos *Fausto I e II* e de Eça de Queirós (1845-1900), em *O Mandarim*, — o contrato de Riobaldo com o

demônio não se dá mediante a materialização factual deste. Tal como o próprio sertão, o demo assume várias formas e identidades, inclusive a muito popular na qual a sua maior artimanha é a de convencer-nos de que ele não exista, não precisando desta maneira lançar mão dos esperados clichês desacreditados pelo narrador no instante em que sente o momento iminente de selar seu pacto com as forças maléficas:

Do Tristonho vir negociar nas trevas de encruzilhadas, na morte das horas, soforma dalgum bicho de pêlo escuro, por entre chorinhos e estados austeros, e daí erguido sujeito diante de homem, e se representando, canhim, beçudo, manquinho, por cima dos pés de bode, balançando chapéu vermelho emplumado, medonho como exigia documento com sangue vivo assinado, e como se despedia, depois, no estrondo e forte enxôfre. Eu não acreditava, mesmo quando estremecia (ROSA, 1956, p. 404).

Não sendo mister todo este *script* medievo de vestimentas e representações tão pouco críveis para esta personagem, o pacto poderia ser confirmado mais pela vontade de representação do pactário, alcançando uma nítida sensação de mudança sentida em sua personalidade, após o episódio vivido nas *Veredas Mortas*, instante revelador da verdadeira morada do Bem e do Mal: o coração humano.

Havendo ou não de fato o pacto, o importante está no papel organizador do Diabo no interior do enredo de *Grande sertão: veredas*, capaz de gerar — a maneira das divindades greco-romanas — na vida dos mortais a vingança, a repressão, o ódio e, acima de todas estas, um estado superior de justiça. Eis o mundo demasiadamente misturado a que se refere Riobaldo (cf. ROSA, 1956, p. 220), lugar no qual ao invés das coisas apartarem-se, estas transitam incessantemente sem nunca se demarcarem em espaços definidos e imutáveis. Ao contrário, é de ambiguidades que se fazem o homem e o sertão de Guimarães Rosa, nascendo o Bem nos domínios do Mal e, o que é mais recorrente, o Mal aflorando nos campos do Bem, ou — a título de comparação — como ocorre quase ao final da novela de Franz Kafka (1883-1924), *Na colônia penal* (1914) — narrativa curta cujo enredo surrealista antecipou, em uma espécie de antevisão, as máquinas mortíferas responsáveis por algumas das atrocidades cometidas contra a humanidade que os regimes totali-

tários causaram ao mundo —, quando o explorador estrangeiro alcança o túmulo do antigo comandante local e, finalmente, pode ler o epitáfio, nós, leitores e intérpretes da matéria literária, alcançamos a ironia presentes, reveladas pelo narrador heterodiegético, nas palavras lapidares e reveladoras da atitude do Mal absoluto em mimetizar o seu oposto cósmico:

Aqui jaz o antigo comandante. [...] Existe uma profecia segundo a qual o comandante, depois de determinado número de anos, resuscitará e chefiará seus adeptos para a reconquista da colônia. *Acreditei e esperai?*”. (KAFKA, 1998, p. 69 [grifo nossos].)

Neste instante da escrita kafkiana forma-se a metáfora na qual as forças maléficas não desaparecem por completo, apenas descansam em seu repouso subterrâneo a espera de novas oportunidades fornecidas por aqueles seus históricos servos e pactários que lhe emprestam o coração como morada, os homens. Não sendo, portanto, extinguível, o Mal demanda, como ensina Riobaldo, os “crespos” humanos, razão pela qual o protagonista de *Grande sertão: veredas*, da maturidade em que se encontra no presente de seu relato, recorra a todos os paradigmas religiosos ao seu alcance. Esta atitude nada tem a ver com a busca de uma ascensão espiritual, tal como almeja Augusto Matraga no enredo da última narrativa de *Sagarana* (1946), mas para bloquear as saídas para o Demônio que nos habita, incansável em sua luta para romper as sempre tênues fibras da civilidade e da liberdade nos diversos espaços sociais.

Diante de poucos dados cronológicos que escapam fortuitamente, do enredo de *Grande sertão: veredas*⁴, Schwarz, numa interpretação arriscada, localiza o cenário ficcional

⁴ É, no mínimo, intrigante como Guimarães Rosa constrói, em *Grande sertão: veredas*, um romance que triunfa esteticamente, apesar de abandonar um dos aspectos estruturantes deste gênero literário: o tempo. A negligência à descrição cronológica ocorre mesmo diante da exposição de fatos documentados, num atitude clara de manter o relato autobiográfico do protagonista *atemporal*, constituindo-se o tempo como fator não primordial das composições ficcionais produzidas no século XX. Como ilustração disto, cito o momento em que Riobaldo descobre as origens de Diadorim: “Este papel, que eu trouxe — batistério. Da matriz de Itacambira, onde tem tantos mortos enterrados. Lá ela foi levada à pia. Lá registrada, assim. Em um 11 de setembro da era de 1800 e tantos [grifo nosso]... O senhor lê. De *Maria Deodorina da Fé Bettancourt Marins* [...]” (ROSA, João Guimarães. *Grande sertão: veredas*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1956. p. 590-591.).

do romance rosiano dentro do período de 1917, época em que se instaura, na concepção de Eric Hobsbawm, a Era da Catástrofe, marcada por manifestações político-sociais ao redor do globo, compreendidas no período entre guerras, em que as “frágeis” democracias mundiais, “como mostra a experiência, requerem inimigos endemonizados” (HOBSBAWM, 2013, p. 352.).

Uma vez que diante das diversas manifestações de crueldade quotidiana, a barbárie — como manifestação do maligno — passa de uma atitude de exceção para uma regra comum e total, como nos ensina Walter Benjamim (1892-1940) em seus conceitos acerca da História. Neste novo estado, cabe ao indivíduo demandar pelas forças maléficas no intuito de realizar aventuras antes não possíveis pela sua condição paupérrima e/ou mortal, aprendendo, por fim, parafraseando Eric Hobsbawm, a se habituar ao que é desumano, tolerando o que não é tolerável, em outras palavras, promovendo a desintegração

do que poderíamos chamar de projeto do Iluminismo do século XVIII, a saber, o estabelecimento de um sistema *universal* de tais regras e normas de comportamento moral, corporificado nas instituições dos Estados e dedicado ao progresso racional da humanidade: à Vida, Liberdade e Busca da Felicidade, à Igualdade, Liberdade e Fraternidade ou seja lá o que for. (HOBSBAWM, 2013, p. 348.)

Sem a ínfima perspectiva de fuga do embate entre as forças metafísicas e factuais do Bem e do Mal, as personagens rosianas caminham, lançando-se em perigos e peripécias dignas dos grandes combates épicos, tentando demandar Deus e a vida por meio de um jogo de enfrentamentos que possui tanto das manifestações anacrônicas de poder paralelo, quanto de experiências oriundas da insegurança — ainda hoje — sentidas nas grandes metrópoles e em pequenas cidades “onde o Estado passa por acentuado processo de desgaste” (HOBSBAWM, 2000, p. 23.).

2.

“Nunca houve um monumento da cultura que não fosse também um monumento da barbárie. E, assim como a cultura não é isenta

de barbárie, não o é, tampouco, o processo de transmissão da cultura.” (BENJAMIN, 1994, p. 225.)

Enveredando-nos pelo estudo de como a história universal adentra na particular na obra rosiana, não deixamos de compartilhar da observação feita por Jaime Guinzburg — tomando como ponto de partida a *Teoria estética* de Theodor Adorno (1903-1969) e na concepção deste de *historiografia inconsciente* — de que “a experiência histórica está presente nas obras, mas não de modo que os conteúdos sejam expostos de forma direta na superfície” (GINZBURG, 2010, p. 17.). Desta forma, percebe-se no ficcionista mineiro, uma fina estratégia dialética entre a história e a literatura inscrevendo discretamente algumas passagens importantes do século XX nas páginas de seu remoto sertão.

Exemplos dessa ressonância da história ocidental abundam em *Grande sertão: veredas* como o de um grande fenômeno observado no século passado que foi a emancipação feminina, em cujo processo legou as mulheres, entre outras conquistas, a luta pela igualdade deste gênero ao acesso do exercício profissional. Livres, em grande parte, da necessidade de procriar estas novas mulheres foram incentivadas ao ingresso no mercado de trabalho no século XX, segundo Hobsbawm, pela indústria de guerra. No entanto, esta transformação de perfil social lançou novas águas no moinho de problemas do sexo feminino, haja vista que

[s]e a emancipação significava emergir da esfera privada e frequentemente separada da família, da casa e das relações pessoais às quais as mulheres haviam sido tão longamente confinadas — poderiam elas, e como poderiam, reter a parte da feminilidade que não eram simplesmente papéis a elas impostos pelos homens num mundo feito para os homens? Em outras palavras, como poderiam as mulheres competir [...] numa esfera pública formada por um sexo diversamente definido e em termos a ele adequados? (HOBSBAWM, 2011, p. 339.).

Para esta questão, a resposta formulada pelo autor de *Sagarana* foi a construção de um universo sertanejo em permanente conflito onde surge, por exemplo, a figura ambígua e brava de Diadorim (ou sua identidade jagunça masculina Reinaldo), mestre de

Riobaldo — garimpando com este as belezas da natureza — e participe das revoluções sociais em pé de igualdade com os demais jagunços, seja em campo de batalha, ou em duelos em defesa de sua moral ofendida.

Tal personagem filiar-se-ia, pelos domínios literários, ao mito das “donzelas guerreiras e, pelos do banditismo aos bandos *baiduk* — camponeses quinhentistas, em sua maioria do sudeste europeu, empurrados para o banditismo armado — nos quais, segundo Hobsbawm “essas moças se portavam como homens, vestindo roupas masculinas e lutando como homens” (HOBSBAWM, 2010, p. 108). Ainda é preciso lembrar que Diadorim ainda descende de uma longa tradição oriunda da porção central do país, um grupo de outras mulheres excepcionais da crônica mineira, revelando, assim que, nas palavras de Affonso Ávila, “em *Grande sertão: veredas*, não são pouco os tipos colhidos ao vivo, as histórias correntes na sua região que [Guimarães Rosa] transpõe para o domínio da arte” (ÁVILA, 2001, p. 97.).

Se conhecesse os hábitos e crenças dos sertanejos, ninguém taxaria de inverossímil a moça Diadorim, disfarçada toda uma vida em homem. Entre eles é comum cumprirem-se as promessas mais absurdas aos seus santos, por exemplo a de se criar uma menina como menino. Por outro lado, a crônica de Minas é pródiga em mulheres excepcionais, matriarcas ou viragos como Dona Joaquina do Pompeu na colônia, atuante até hoje em nossa vida pública através de seus descendentes, Ana Felipa de Santa Quitéria, que na revolução liberal de 1842 marchou sobre Sabará à frente de setecentos homens, ou, mais recentemente, a famosa Tiburtina de Montes Claros, que sublevou o norte do estado por ocasião da Aliança Liberal (ÁVILA, 2001, p. 97.).

Além disto, em outro momento do romance pode-se constatar a crítica aos modelos liberais levantada pelos celerados indômitos Hermógenes e Ricardão. Partidários convictos das práticas de violência e desordem do jaguncismo, estes indivíduos se vingam, à traição, de seu chefe Joca Ramiro após o mesmo impor um tribunal, aos moldes do poder judiciário do Estado de direito, e absolver Zé Bebelo da acusação que paira sobre ele, a de querer descaracterizar o Sertão, com um “desnortear, desencaminhar os ser-

tanejos de seu costume velho de lei” (ROSA, 1956, p. 258) trazendo para este espaço a ordem dos Estados democráticos por meio da extinção das revoltas rebeldes como a jagunçagem.

É interessante observar como a construção ficcional de Guimarães Rosa reelabora o conflito latente entre as experiências anacrônicas da tradição local e os usos modernos da contemporaneidade urbana, através das contradições e ambiguidades humanas transpostas, pela palavra literária, para as esferas sociais. O procedimento adotado por este chefe jagunço não se constitui numa regra inscrita no código dos malfeitores sertanejos, apesar de estar longe de ser inverossímil como atesta Hobsbawm em *Bandidos*. Na leitura do historiador acerca deste paradigma de foras da lei — meio ladrões, meio heróis — originados em zonas periféricas do capitalismo moderno, eram estes, muitas vezes, “mencionados como ‘bandidos bons’” (HOBBSAWM, 2010, p. 11), o que parece corroborar com o relato de Riobaldo ao identificar que, entre os jagunços com os quais conviveu, quase todos tombaram para o banditismo por motivações nobres (ou até mesmo vulgares), sendo o único indivíduo vil em sua essência, o cruel Hermógenes, indivíduo mais facilmente encaixável na tipologia hobsbawmiana dentro do universo dos vingadores, os quais pouco afeitos à moderação da violência, são mais acostumados a modelos sociais “em que sangue se paga com sangue” (HOBBSAWM, 2010, p. 86).

Zé Bebelo — o líder sertanejo José Rebelo Adro Antunes, — encontra-se réu por vontade própria dentro da mesma prática por ele adotada no Sertão mineiro, com o objetivo de instaurar a civilidade legal neste espaço dominado pela desordem. O expediente jurídico, elemento institucional do Estado de direito, entretanto, neste momento aparece a serviço do outro chefe jagunço, Joca Ramiro, e simboliza os valores da tradicional vida sertaneja, contrários aos exercícios da modernidade. Em outras palavras, a duplicidade rosiana mostra-se neste personagem que idealizou o fim do jaguncismo, fazendo uso desta mesma prática da região e também, por outro lado, empregou o tribunal para punir os defensores das instituições públicas constituídas.

No sertão rosiano, também são os jagunços que cobram pedágios e dívidas, ativi-

dade usual conforme relata Riobaldo ao seu eclipsado interlocutor. É mister lembrar que este protagonista autodiegético, tal qual um historiador, constrói a sua narrativa em retrospecto, isto é, distante no tempo e dos grilhões que trazem cativo o jagunço. O Riobaldo que narra os episódios de *Grande sertão: veredas* encontra-se já na outra margem de sua experiência no banditismo social, é um rico fazendeiro, portanto regresso à sociedade, membro respeitado de reputação reconquistada por um duplo trajeto, o da herança paterna e o da restauração da moralidade que, no papel de líder de um bando jagunço, foi responsável por instaurar, concretizando por acaso o ideal do outrora chefe de bando Zé Bebelo. Entretanto, voltemos ao relato das cobranças monetárias impostas aos indivíduos locais.

Normal, quando a gente encontrava alguma boiada tangida, êle [Zé Bebelo] cobrava só imposto de uma ou duas rêsas, para o nosso sustento nos dias. Autorizava que era preciso se respeitar o trabalho dos outros, e entusiasmar o afinco e a ordem, no meio do triste sertão. (ROSA, 1956, p. 77)

Além destas práticas, recaem aos jagunços em muitos casos, a proteção armada a poderosos fazendeiros, a execução de sentenças de morte em tribunais, instaurados por estes mesmos indivíduos, para julgar crimes contra as ações desvirtuadoras do *modus vivendi* sertanejo, com se dá no episódio dos parricidas de Rudugério de Freitas.

Demos julgamento. Ao que, fosse Medeiro Vaz, enviava imediato os dois para tão razoável forca. Mas porém, o chefe nosso, naquele tempo, já era — o senhor saiba —: Zé Bebelo! [...] Zé Bebelo decretou. — “O pai não queria matar? Pois então, morreu — dá na mesma. Absolvo! Tenho a honra de resumir circunstância desta decisão, sem admitir apelo nem revogo, legal e lealdado, conformemente!...” Aí mais Zé Bebelo disse, como apreciava: — “Perdoar é sempre o justo e certo...” (ROSA, 1956, p. 76-77)

Em épocas de guerras e de poderes paralelos como o jaguncismo, em que “viver é negócio muito perigoso” (ROSA, 1956, p. 12.), a palavra literária e o ofício de historiador são de suma importância não só como testemunho das práticas de desumanidade dos

regimes políticos ditatoriais, mas como agentes de militância contra o barbarismo e de recriação de ideais e de belezas outrora lançadas à margem do cotidiano da humanidade. Todavia, a literatura pela sua natureza específica não se contenta só com os elementos postos pela ciência e acaba por buscar o “não-contável” da História, isto é, a porção de utopia que anima nacionalidades e que não é percebida pelos historiadores, mas que pode ser construída pela linguagem presente na ficção de escritores contemporâneos, última (e talvez única) forma de resistência humana diante das manifestações de violência e barbárie que reduziram significativamente a civilidade no século XX.

Conclusão

Nesta tentativa de desvendamento das sendas em que se cruzam e se embatem as fronteiras entre a literatura e a história, ou as interpretações destas pelo autor Guimarães Rosa e por Eric Hobsbawm, este trabalho possuiu como objetivo o exame da obra rosiana *Grande sertão: veredas* (1956) num diálogo com as abordagens teóricas presentes nos ensaios deste historiador britânico.

Regendo a sua produção literária dentro daquela tensão sempre fecunda que se estabelece entre a criação e a incorporação da tradição, Guimarães Rosa foi o nome de sua geração que melhor soube organizar as representações artísticas do mundo e do homem contemporâneo envolto em um período de guerras e de poucos intervalos de paz, cujas manifestações de violência e de barbárie lançaram o Ocidente numa acelerada transformação de difícil compreensão.

Desde a publicação de *Sagarana*, em 1946, a obra de Guimarães Rosa se constituiu num complexo projeto literário que desafiou, e ainda hoje desafia, os pesquisadores dos Estudos Literários e mostra a cada investida no texto, uma nova faceta da ficção rosiana. Com uma das maiores bibliografias críticas da história literária brasileira, as narrativas do autor de *Grande sertão: veredas* já foram submetidas as mais variadas perspectivas de estudo. Considerando o aspecto quantitativo, o gigantismo bibliográfico de Guimarães Rosa, passados mais de meio século de recepção crítica de *Grande sertão: veredas* ainda é uma esfinge

a lançar perguntas aos seus leitores.

Eric Hobsbawm, por sua vez, também se fez um mestre da prosa, extremamente influenciado pelo materialismo de Karl Marx que, em suas palavras, o proporcionou

a consciência de que sem ela seria impossível entender o que se passa no mundo. Eu fui persuadido por sua ideia de que a história pode ser vista e analisada como um todo, e que ela possui [...] uma estrutura e um padrão, os quais constituem a narrativa da evolução da sociedade humana através de um longo período de tempo. (HOBSBAWM, 2000, p. 11-12)

Dentro da recepção crítica rosiana, alguns poucos trabalhos versaram sobre estes signos sombrios da contemporaneidade ocidental e nenhum promovendo, como neste artigo, um estudo comparatista entre as obras de Rosa e Hobsbawm, dois grandes intérpretes de sua época.

Nos trabalhos mais recentes sobre o autor de *Corpo de baile* que observam sua escrita como representação da história no século XX, destaca-se o de Nildo Benedetti (2008, 292 p.) que, ao se debruçar sobre *Sagarana* (1946), identificou uma representação unicamente brasileira na escrita rosiana, algo a que se contrapõe ao que vem sendo desenvolvido nesta pesquisa, uma vez que na leitura dialética que propomos o sertão rosiano, sobretudo nas páginas do *Grande sertão: veredas* é uma elegia nacional, um canto de morte pela perda de Diadorim e pelas ilusões que o século passado nos legou, como conclui Riobaldo já descrente do Bem e do Mal reconhecendo, por fim, o triunfo do individualismo capitalista de que o que “[e]xiste é homem humano [em sua eterna] travessia” (ROSA, 1956, p. 594).

Em uma Era de catástrofes — como bem definiu Hobsbawm ao longo de sua obra mais divulgada no Brasil, *Era dos extremos: o breve século XX* (1994) —, a literatura também foi marcada pelo conflito de forças e valores antagônicos emergidos desta época em que homens perplexos testemunharam parte do globo ruir impérios coloniais, erguer regimes políticos ditatoriais e, quase simultaneamente, ressurgir poderes paralelos, estes representados pela figura ambígua do bandido social, os quais trouxeram à superfície as

vozes esquecidas e silenciadas das zonas periféricas do capitalismo.

Assim, o ato de narrar — derradeiro recurso de sobrevivência, no *hinterland* rosiano — mostra-se relevante tradução artística de um pacto estabelecido entre os fios literários e os factuais na trama da compreensão da História recente em que o desmoronamento de impérios e ilusões ocidentais refletiram em países como o Brasil, que vivenciou a experiência do Regime colonial, numa necessária afeição, também, das questões metafísicas com o objetivo de enfrentar a loucura que assola qualquer indivíduo na contemporaneidade, as práticas intoleráveis de épocas, como estas, de difícil compreensão, períodos de profunda escuridão enfrentados pelas páginas de Hobsbawm e de Guimarães Rosa, que desfazem imagens errôneas que muitas vezes construímos do Brasil, a de um país que em sua História contemporânea se fez amistoso e pacífico, quando, na verdade, este acompanhou a beligerância e a violência que contaminava diversas nações e territórios da Terra.

O século XX é ainda uma neblina, imagem cara que persegue o relato de Riobaldo e é o grande horizonte que se projeta a frente dos historiadores.

ABSTRACT: Based on a comparative study between the novel by João Guimarães Rosa, *Grande sertão: veredas* (1956) and the theoretical production of the historian Eric Hobsbawm, this survey intend to demonstrate how the Western history infiltrates in the particular inscription in the fictional pages of this Brazilian author. In this way, it is noticed that in the production of Guimarães Rosa a reading that relates literature and history writing out discreetly some of passages of the 20th century in his distant hinterland. As this space appears on rosianas pages as a metonym from everywhere and not as a kind of nostalgia inlander of this fiction writer, examples of this resonance of the Western history abound in *Grande sertão: veredas* as the major phenomena singled out by Hobsbawm experienced in the last century: the female emancipation and the criticism of liberal models originating criminal groups and barbarity practices, phenomena of utmost relevance both for rosiana work and for part of the work of this British intellectual.

KEYWORDS: Eric Hobsbawm; Guimarães Rosa; History; Literature; The 20th Century.

REFERÊNCIAS

1. AGAMBEN, Giorgio. *O que é contemporâneo? E outros ensaios*. Trad. Vinícius Nicastro Honesko. Chapecó, SC: Argos, 2009.
2. ÁVILA, Affonso. *Grande Sertão: autenticidade e invenção*. In: *Catas de Aluvião: do pensar e do ser de Minas*. 2. ed. Rio de Janeiro: Graphia, 2001. p. 95-98.
3. BENEDETTI, Nildo Máximo. *Sagarana: O Brasil de Guimarães Rosa*. 291 f. Tese (Doutorado em Literatura Brasileira) — Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2008.
4. BENJAMIM, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1994.
5. COUTINHO, Eduardo F. *Grande sertão: veredas. Travessias*. São Paulo: É Realizações, 2013.
6. GUINZBURG, Jaime. Guimarães Rosa e o terror total. In: CORNELSEN, Elcio; BURNS, Tom (orgs). *Literatura e guerra*. Belo Horizonte: UFMG, 2010. 17-27 p.
7. HOBSBAWM, Eric J., *Era dos extremos: o breve século XX*. Trad. Marcos Santarrita. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
8. _____. *O novo século: entrevista a Antonio Polito*. Trad. Claudio Marcondes. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
9. _____. *Globalização, democracia e terrorismo*. Trad. José Viegas. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
10. _____. *Bandidos*. Trad. Donaldson M. Garschagen. 4. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2010.
11. _____. *A era dos impérios, 1875-1914*. 13. ed. Trad. Sieni Maria Campos e Yolanda Steidel de Toledo. São Paulo: Paz e Terra, 2011.
12. _____. *Sobre história*. Trad. Cid Knipel Moreira. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.
13. KAFKA, Franz. *O veredito* [1912] e *Na colônia penal* [1914]. Trad. Modesto Carone. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
14. ROSA, João Guimarães. *Grande Sertão: Veredas*. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1956.
15. SILVA, Vítor Manuel de Aguiar. Visão do mundo e estilo em Grande Sertão: Veredas. In: ADONIAS FILHO et alii. *Guimarães Rosa*. Lisboa: Inst. Luso-Brasileiro, 1969. p. 61-79.
16. TEZZA, Cristovão. *O filho eterno*. Rio de Janeiro: Record, 2007.

Recebido em 17/06/2015.

Aprovado em 14/09/2015.